

FORMAS GEOMETRICAS PLANAS PRESENTES NAS PINTURAS CORPORAIS DA TRIBO MARANDUBA

Victória Caroline do Nascimento Luz (1); Marciane da Silva Nunes (1); Jôsy Leandro Sousa (2); Walber Christiano Lima da Costa (3) (Orientador)

(1) Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-Unifesspa, email: ab.luz@outlook.com; (1) Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-Unifesspa, email: marcianepetshop@hotmail.com; (2) Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-Unifesspa, email: josy.analucas@gmail.com; (3) Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-Unifesspa, email: walberprofessor@gmail.com

Resumo: O presente artigo foi desenvolvido com o intuito de discutir o que é matemática e como ela pode ser concebida de acordo com o ponto de vista das diversas culturas que constituem a nação brasileira, por meio da etnomatemática, que considera a matemática formal apresentada nas escolas incompleta, pois excluiu tudo que os estudantes possam ter aprendido sobre matemática durante toda a sua vida, com seus hábitos, costumes e cotidiano antes de iniciarem sua jornada escolar. Assim a matemática escolar só considera matemáticos comportamentos que incluam caderno, lápis, borracha, caneta, quadro branco ou negro e o que está presente no livro texto, limitando a conceituação do que pode ou não ser aceito como pensamento matemático. Desse modo a etnomatemática, visa à valorização da matemática produzida pelo pedreiro, carpinteiro, cozinheiros, artesãos, de todas as tribos e populações. Considera ainda, que não existe apenas uma etnomatemática, mais várias, desenvolvidas por todas as sociedades, assim como salienta Gerdes, uma matemática universal, produzida por toda a humanidade. Nessa perspectiva, o principal objetivo do trabalho é mostrar a etnomatemática indígena, e mais precisamente a geometria envolvida nas pinturas corporais indígenas, que podem contribuir com uma melhor compreensão das figuras bidimensionais estudadas pela geometria plana. Para tanto, observamos as pinturas corporais feitas pela tribo Maranduba, da etnia dos índios Carajás, localizada no município de Santa Maria das Barreiras a sudeste do estado do Pará. Percebemos que as pinturas quando ampliadas ou separadas, formam figuras semelhantes ao retângulo, losango, pentágono e hexágono, algumas das figuras geométricas planas mais conhecidas.

Palavras-chave: Etnomatemática, povos indígenas, pinturas corporais indígenas, geometria plana, formas geométricas.

Introdução

Com o apogeu da Matemática Moderna, surgem diversas inquietações sobre sua prática e caráter inclusivo. No ponto de vista de autores como D' Ambrosio, a Matemática Moderna não valoriza os conhecimentos matemáticos do aluno adquirido antes de sua estadia escolar, provenientes do meio onde esse indivíduo reside, condição social, situação socioeconômica, entre outros, os saberes advindos das experiências de seu cotidiano. Assim, ela privilegia apenas a matemática formal, que é vista nas escolas de ensino regular das redes municipais, estaduais e privadas brasileiras, ou seja, só considera matemáticos, comportamentos que incluam quadros negros e/o brancos, cadernos, lápis, caneta, borracha e o conteúdo presente no livro didático. A matemática nesse ponto de vista, é estática, não permite indagações e não estimula a investigação

tantos dos alunos, quanto dos professores. Contribuindo assim, para a formação de indivíduos ainda mais alienados.

Na contra mão desse ponto de vista, surge em meados dos anos 70 a Etnomatemática, criada por alguns teóricos, dentre eles, D' Ambrosio, que é considerado o pai dessa tendência, que considera a matemática presente nos cálculos feitos pelos feirantes, nas medições do pedreiro para a construção, no dimensionamento dos artesãos, nas técnicas de pesca dos ribeirinhos, nas receitas das cozinheiras, nos artesanatos, artefatos e pinturas corporais indígenas, ou seja, no cotidiano das várias culturas que constituem o Estado brasileiro.

Neste aspecto, o conhecimento matemático, ainda que informal, é considerado matemática e pode contribuir para uma melhor compreensão e formação dos alunos em sala de aula, uma vez incluída no currículo escolar a serem seguidos pelos estabelecimentos de ensino. Em consequência disso, são estimulados a formação de cidadãos conscientes, que conhecem, reconhecem e respeitam as várias manifestações culturais das pessoas, tribos e etnias que possam pertencer a um país tão cosmopolitano a exemplo do Brasil.

Metodologia

Para a realização do desse trabalho a princípio, foi feita uma leitura/ análise do artigo “Ubiratan D’ Ambrosio”, que esclareceu e nos norteou sobre os conceitos, principais características e ponto de vista da Etnomatemática. Após, procuramos outras fundamentações teóricas para nossa pesquisa que foram encontradas em artigos como “Geometria em Práticas e Artefatos das etnias Tupinikim e Guarani do Espírito Santo”, além de leituras complementares de outros autores.

A partir daí, elaboramos um questionário formado por oito perguntas que posteriormente foi aplicado na entrevista que fizemos com a cacique Aparecida, da tribo Maranduba durante nossa visita à aldeia que situa se no município de Santa Maria das Barreiras-PA. Para a transcrição fiel das respostas da cacique optamos por gravar as falas, com a autorização da líder.

Resultado e Discussão

Nestas linhas, convém, portanto, lembrar das populações indígenas que habitavam o Brasil antes mesmo do “descobrimento” guiado por Pedro Álvares Cabral a bordo de seu nau nomeado de D. Manuel e toda a frota utilizada nas expedições que visavam chegar à Índia e acabaram por desembarcar na “Ilha de Vera Cruz”, que posteriormente veio a se chamar Brasil, por causa da grande quantidade na época da nobre árvores chamada de “Pau-Brasil”.

Quando falamos de povos indígenas, estamos ressaltando toda a cultura, comportamentos e contribuições desses povos, que podem ser vistos e apreciados por meio de seus adornos, arte plumaria, objetos feitos de palha, cerâmica, esculturas, estatuas, instrumentos e pinturas corporais. Aspectos esses, repletos de beleza e significados. No caso das pinturas, além das características já apontadas, ainda apresentam grande fonte de estudos para a explicação e melhor entendimento das formas geométricas planas no contexto matemático.

Assim, com o exposto surgem inquietações como: “Quais as características que fazem com que saberes indígenas sobre suas pinturas e saberes matemáticos se aproximam?” e “como é possível pensar em matemática proveniente das tribos indígenas brasileiras?”. Em tradução livre, Samarago resalta que o mundo muda de significados e contextos de acordo com a pessoa que está olhando, ou seja, cada um enxerga da forma que quiser. Assim, a resposta para tais dúvidas retomam ao programa Etnomatemática.

De acordo com D’ Ambrosio (1996, p. 112), a matéria de matemática que é apresentada nas escolas e academias é apenas uma etnomatemática. D’ Ambrosio formou o termo etnomatemática da junção das palavras etno + matema + tica. Lembrando que:

“Indivíduos e povos tem, ao longo de suas existência e ao longo da história, criado e desenvolvido instrumentos de reflexão, de observação, instrumentos matemáticos e intelectuais (que chamo ticas) para explicar, entender, conhecer, aprender para saber e fazer (que chamo matema) como resposta a necessidades de sobrevivência e transcendência em diferentes ambientes naturais, sociais e culturais (que chamo de etnos)”. (D’ Ambrosio, 2007, p. 60)

Vale lembrar que a etnomatemática não é única, pois cada povo produz sua própria matemática, assim sendo, existem inúmeras etnomatemáticas.

Então quando falamos em matemática ou etnomatemática indígena, estamos ressaltando as estratégias que esses sujeitos utilizam para “explicar, entender, conhecer, conviver com sua realidade e solucionar problemas”. (LOREZONI, Cláudia. SILVA, Circe. p. 6)

D’ Ambrosio (1996, p. 118) aponta que “o domínio de duas etnomatemáticas e possivelmente de outras, obviamente oferece maiores possibilidades de explicações, de entendimentos, de manejo de situações novas e de resolução de problemas”. Dessa forma, o conhecimento da diversidade contribui para a formação e definição do mundo de toda a sociedade, principalmente no que diz respeito a concepção do que é matemática, pois com esse conhecimento, consideramos um universo mais amplo do que considera e do que deve ou não ser considerado para a definição dessa resposta.

A ideia proveniente do ponto de vista dos gregos difundida pela Europa Ocidental apresentada nas escolas sobre a matemática, entre outras, nos limitam a enxergar um número de

aspectos limitados dessa ciência. A experiência e conhecimento com o novo e/ou diferente, permite a ampliação desses conceitos e consente a desmistificação de pré-conceitos.

Paulus Gerdes aponta em seus estudos, que a uma relação entre a disciplina matemática e outras etnomatemática. Para ele, não deve se pensar apenas em uma Matemática Ocidental, e sim em uma Matemática Universal, criada por toda a humanidade. “Muitos dos conteúdos da matemática ensinada nas escolas primárias e secundárias têm sua origem em culturas asiáticas e africanas, com alguma semelhança nas culturas indígenas das ditas Américas”. (2007a, p.155)

Na sua obra “O despertar do pensamento geométrico” (1992), Gerdes esclarece as técnicas e métodos utilizados nas construções, no artesanato, na alimentação e na pintura no ponto de vista de diferentes culturas. O autor estuda a relação entre essas técnicas e a geometria. Defende que o conhecimento que desenvolve essas técnicas é um elemento cultural que sobreviveu a colonização feita por povos estrangeiros, no caso dos índios brasileiros, os portugueses, ou como são chamados pelos próprios índios de homem branco, e que constituem conceitos geométricos como o de paralelismo, perpendicularismo, espirais, círculos, retângulos, losangos, pentágonos, ângulo de 45° e ângulo de 60° .

O que nos lembra da ideia de etnomatemática proposta por D’ Ambrosio (2007, p. 60) que a formula como um programa de pesquisa sobre a geração, organização física, intelectual e distribuição de conhecimentos das diferentes tribos sociais.

As pinturas são utilizadas pelos indígenas para expressar a cultura vivida nas aldeias e identificá-los em meio a outras sociedades. Não existe época específica para serem feitas, mas o significado de cada uma é muito forte. Lutas, caças, casamentos, viúvas, força, habilidades, são alguns desses conceitos ou formas de expressão. A Pintura é a forma de expressão mais intensa utilizada pelos índios.

As pinturas corporais são provenientes de tintas feitas de árvores, plantas e frutos. A matéria prima mais utilizada pelos índios para fabricação dessa tinta é a fruta conhecida popularmente como Jenipapo. Para as tribos Tupinikim e Guarani do Espírito Santo, a cor preta do jenipapo simboliza paz e harmonia.

As pinturas podem ser ainda, da cor vermelha, que no caso da tribo Tupinikim são usadas em lutas por demarcação de terra ou apresentações culturais, a cor representa o sangue do povo indígena, sendo adquirida a partir da fícção das sementes do urucum verde.

Cada tribo apresenta um modo e uma técnica diferente para elaborar suas pinturas. Os Guaranis, por exemplo, não usam vermelho sobre nenhuma condição, mesmo em caso de lutas e apresentações, preferem a paz e a harmonia simbolizados pelo preto da tinta do jenipapo.

Há tribos, por exemplo, que diferem o tipo de tinta que será usada para pinturas em crianças das tintas utilizadas para fazerem as pinturas dos adultos. As pinturas também podem ser diferentes de acordo com o gênero (sexo) do indivíduo que irá usa-las. Em homens são feitas figuras que podem formar triângulos que são pintadas e nas mulheres, não há o mesmo coloramento interno das figuras. Também podem diferir a etnia da pessoa. Enquanto os Guaranis não usam vermelho, os Xavantes estão sempre pintados com essa cor. Os Tupinikim não usam as mesmas formas espiraladas que os Maxakali, porém utilizam triângulos como os Pataxó. Entre pessoas de uma mesma aldeia, cada índio tem o seu próprio jeito de se pintar, exceto em ocasiões de festas rituais e comemorações, onde todos usam o mesmo tipo de pintura. Em ocasiões de lutas, podem ainda, apenas se pintar sem a preocupação com a formação de desenhos.

Podem ainda, ser dessemelhante quando a filiação, a posição social, se o índio é ou não casado e viúvos. Neste último caso, as pinturas que marcam esses índios são em grande parte das tribos, apenas linhas contínuas que circulam seus braços. A pintura de viúves é um exemplo de pintura padrão que deve ser seguida, pois o indígena não escolhe essa situação, tendo a obrigação social de se pintar para mostrar para os outros seu luto.

No caso dos Guaranis, há desenhos compartilhados entre homens e mulheres têm próprios para mulheres, mulheres mais jovens, indivíduos com algum tipo de compromisso conjugal, líderes, líderes religiosos, para índios que acabaram de se tornar pais, e até mesmo para identificar, os índios que gostam muito de namorar.

Além disso, as pinturas ainda mudam de acordo com a situação na qual o índio será introduzido, já que esta é visto como uma vestimenta de gala. As figuras vestidas em comemorações não é a mesma utilizada para rituais religiosos.

Segundo os índios mais antigos, cada época da vida ou do ano, exige uma pintura corporal diferente.

A arte corporal com a pintura é singular de cada tribo indígena, apresentam inúmeros significados e motivos para seu uso. E ao fazerem essas pinturas traços vão formando desenhos geométricos, o que demonstram que possuem conhecimentos geométricos, ainda que de modo implícito.

A tribo Maranduba está localizada no município de Santa Maria das Barreiras-PA, às margens do Rio Araguaia. Pertencem a etnia dos índios Carajás.

A princípio, segundo a cacique Aparecida (cacique da aldeia), a aldeia era grande e populosa, porém com o desenvolvimento impulsionado pelo capitalismo nacional, o “homem branco foi se aproximando de nossas erras e junto seus costumes, tradições, comportamento, cultura e doença, os índios não sabiam lidar com as doenças dos brancos e acabaram morrendo por causa da catapora e do sarampo”. (Cacique Aparecida). Hoje em dia, a tribo conta com aproximadamente 38 habitantes, incluído a cacique, seu marido e seus filhos.

Além da morte de inúmeros indígenas, essa etnia sofreu ainda, com a aproximação dos não índios, perda de um espaço físico considerável. Atualmente a aldeia conta com uma faixa de terra de aproximadamente sete alqueiros (medida de terra local). Neste espaço, estão distribuídos uma casa e avelaria construída pelo governo municipal local, duas casas compostas por palha e madeira construída pelos próprios residentes do local e uma espécie de área de serviço, onde funciona a cozinha.

Os Maranduba cultivam ainda na terra que foi disponibilizada para eles, bananas, mandiocas e milho. Além das árvores nativas que fazem parte da flora local como o jenipapeiro ou pé de jenipapo, que é a principal matéria prima utilizada pela tribo na fabricação das tintas para as pinturas corporais.

A língua nativa desse povo é chamada de Macrojê, porém a aldeia localiza-se à uma distância pequena da cidade, assim os índios puderam frequentar as escolas regulares de ensino municipais locais e em decorrência disso, acabaram por aprender a falar o português. Desse modo, a maioria dos índios da aldeia falam a língua oficial do país, inclusive a cacique Aparecida, seu marido que aqui chamaremos de pelo nome fictício de José, seus filhos e até mesmo os índios mais velhos, ainda que neste último caso, de modo mais dificultoso.

Para a realização de nossa pesquisa, optamos redigir um roteiro formado por oito perguntas: 1) Quais são os produtos? E como são fabricadas as tintas para as pinturas corporais?; 2) A cacique também sabe e pode pintar? (no caso sentimos a necessidade do uso do pronome definido “A” por se tratar de uma mulher); 3) Aonde a senhora aprendeu a pintar?; 4) E quanto aos desenhos, tem algum significado?; 5) Há alguma diferença entre as pinturas dos homens e das mulheres?; 6) Quais as características que diferem as pinturas masculinas (de homens) das pinturas femininas (de mulheres)?; 7) As pinturas das crianças são diferentes?; 8) A senhora pode nos mostrar algumas das pinturas?.

Todas as questões foram prontamente respondidas pela cacique Aparecida e pelo seu marido. Abaixo, descreveremos as perguntas com suas respectivas respostas que foram transcritas de acordo com o que foi narrado pela cacique, não havendo nenhuma intervenção de nossa parte, apenas escrevemos o que foi nos dito, da maneira que foi dito.

1) Quais são os produtos? E como são fabricadas as tintas para as pinturas corporais? “É o jenipapo que a gente faz, a gente ‘rela’, é verde, é verde que é bom. A gente ‘rela’ depois a gente pega um pau... não sei como é o nome (se referindo a tradução da palavra para o português), a gente queima e mexe com ele, mistura com ele, aí sai ‘aquele’ tinta preta. Com aquela alí que nós se pinta né, ai nós se pinta com aquela tinta”. (Cacique Aparecida)

Assim, o processo de fabricação das tintas é simples e natural, os índios usam o jenipapo verde, ralam e depositam a obtida massa em um recipiente, posteriormente acrescenta um pouco de água misturando, sempre com as mãos até virar uma espécie de “massa” homogênea. Essa “massa” é a tinta que é usada nas pinturas, terminando o processo de produção. Para pintar ou fazer os desenhos, eles usam um graveto que se assemelha à um palito de churrasco que é empregado para se fazer “espetinhos”.

Em decorrência do modo como é produzida a tinta fica fácil saber quem são os índios responsáveis pela fabricação, pois a tinta do jenipapo é uma tinta de poderosa fixação e as mãos desses índios adquirem uma coloração preta.

Figura 1: Índia retirando a tinta do jenipapo.



Fonte: os autores.

1) A cacique também sabe e pode pintar? “Pinto, todo mundo pinta, mas é assim, só na hora de festa, alguma coisa aí que a gente usa né, que faz...” (Cacique Aparecida). Nesse momento a cacique esclarece que todos na aldeia podem pintar inclusive ela no momento que quiserem, no entanto, na maior parte dos casos, eles pintam se apenas em festas, rituais, ou seja, em ocasiões especiais.

Além do mais, apesar de todos poderem fazer as pinturas, essa responsabilidade fica em grande parte com as índias idosas, em razão de suas experiências elas são capazes de dominar o procedimento da confecção até mesmo do desenho escolhido já que possuem uma técnica mais apurada para fazer a pintura do animal, com uma capacidade desenhar sem quaisquer esboços.

2) Aonde a senhora aprendeu a pintar? “Na aldeia. É minha mãe ensinando, né, fazendo aí eu aprendo”. Neste instante, José completou: “Vai passando de geração à geração né...”. Agora a cacique volta a falar: “Assim... eu ensino pra meus menino, quando eu morrer o menino também já sabe... tá fazendo né”. (Cacique Aparecida).

Nesse aspecto, percebe se que a exemplo de outras tribos como os Tupinikim e os Guaranis do Espírito Santo, na tribo Maranduba o conhecimento e a cultura sobre as pinturas também é passado de geração em geração, as filhas (empregamos o termo “filhas” apenas para exemplificar, pois os homens nessa tribo também podem pintar) aprendem com as mães, que aprenderam com as avós, que aprenderam com as bisavós e assim por diante.

3) E quanto aos desenhos, tem algum significado? “Tem, ca... é como é? (pergunta a filho) ... desenho de jabuti, casca de jabuti, ... e tem como é o outro que fala? ... é quati, da onça essas coisas... todas de animais. E só assim, só assim (fazendo gestos como se estivesse desenhando linhas ao redor do ante braço), diz que é pintura de viúva... é só assim”. (Cacique Aparecida). Nesse ponto, as pinturas são inspiradas em animais da fauna brasileira, e podem significar características que vão desde paciência, calma, representada pelos desenhos de tartaruga ou jabuti, até valentia e beleza simbolizadas pelo desenho da onça.

4) Há alguma diferença entre as pinturas dos homens e das mulheres? “Tem, tem pintura de rapaz e tem pintura de moça... homem né rapaz e tem pintura de mulher”. (Cacique Aparecida). A exemplo da maioria das tribos, os desenhos corporais dos indígenas Maranduba diferem de acordo com o gênero do individuo.

5) Quais as características que diferem as pinturas masculinas (de homens) das pinturas femininas (de mulheres)? “Tipo de assim... pintura de quati... pintura de homem é de tamanduá... tipo camiseta. A parte do corpo onde pinta também é diferente”. (Cacique Aparecida).

Os desenhos feitos em mulheres nessa circunstância são mais delicados como a pintura do quati, já as pinturas dos homens são mais rusticas como a tamanduá. Ademais, o local onde é pintado também é diferente entre homens e mulheres. Em homens a pintura é feita como uma “camiseta”. Já em mulheres, as pinturas são feitas nos membros inferiores, por exemplo.

6) As pinturas das crianças são diferentes? “Não, os desenhos das crianças são o mesmo dos adultos... os ‘mesmim’”. (Cacique Aparecida)

7) A senhora pode nos mostrar algumas das pinturas? “Sim... sim”. (Cacique Aparecida)

Nesta ocasião, o cacique nos mostrou algumas das pinturas corporais que são feitas por eles as quais podem ser observadas nas figuras 2, 3 e 4.

Figura 2: Pintura de "Mulher Jovem".



Fonte os autores.

Figura 3: Pintura de "Peixe".



Fonte os autores.

Figura 4: Pinturas de "Guerra" e "Jabuti".



Fonte: os autores.

Ao observar se as figuras que são formadas pelas pinturas corporais, percebe-se a presença de algumas figuras geométricas planas. Entretanto, para melhor entendimento dessa relação, torna-se necessário o esclarecimento do que é geometria plana e para que ela sirva.

A geometria plana é a área matemática responsável pelo estudo das figuras geométricas que possuem apenas comprimento e largura, sem volume, ou seja, figuras bidimensionais (possuem duas dimensões). Pode também ser chamada de geometria euclidiana, em homenagem ao geômetra Euclides de Alexandria, considerado o “pai da geometria”.

Essa matéria possui alguns conceitos fundamentais como ponto, reta, segmento de reta, plano, ângulos, área e as figuras geométricas, que são nosso objeto de estudo. Das principais figuras



geométricas podemos citar o círculo, o triângulo, o quadrado, retângulo, losango, trapézio, pentágono, hexágono, são os mais conhecidos. Todavia, existem inúmeras figuras geométricas planas, pois seus nomes são dados pelo número de lados e/ou ângulos (vem do latim *angulum*, significa canto, esquina, dobra) que a figura possua. Por exemplo, o nome da figura chamada de triângulo, é constituída por *tri* (três) + *angulum*, ou seja uma figura que possui três lados e/ou ângulos.

Tendo isso em vista, podemos perceber que nas pinturas feitas pelos índios Maranduba são formadas figuras geométricas. Para melhor percepção, tomamos a liberdade de destacar nas imagens as figuras que são vistas (destaque em vermelho).

Na figura 6, temos um triângulo escaleno (que possui todos os lados diferentes entre si) observado da “pintura de mulher solteira”.

Figura 5: Triângulos encontrados na pintura de "Mulher Jovem".



Fonte: os autores

Na figura 7, vemos um retângulo e um losango, formados pela “pintura de peixe” e “pintura de guerra” respectivamente.

Figura 6: retângulo e losango formados a partir das pinturas de “Peixe” e “Guerra”, respectivamente.



Fonte: os autores

Na figura 8, avistamos um pentágono e um hexágono nas “pinturas de jabuti”.

Figura 7: pentágono e hexágono formados nas pinturas de "Jabuti"



Considerações Finais

Devido ao que foi exposto, entendemos que os conhecimentos geométricos que as tribos indígenas apresentam são de grandes proporções, ainda que estes sejam informais ou implícitos. Acreditamos que a observação das pinturas corporais das populações indígenas e em particular da tribo Maranduba, constituem uma importante fonte de pesquisas e estudos para um melhor entendimento e compreensão não só da cultura, costumes, tradições, comportamentos indígenas, mas também da geometria plana, pois trata-se de uma importante ferramenta do ensino básico das séries a partir do 3º ano do ensino fundamental, que é quando começa a se estudar os primeiros conceitos de geometria, quando trabalhada de forma conjunta com o currículo escolar.

Além disso, com o estudo de novas culturas os indivíduos aprendem a respeitar, conhecer e reconhecer o que é diferente, tornando-se cidadãos conscientes, e em consequência disso, há a formação de uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva.

Referências

- D'AMBROSIO, Ubiratan. **Ubiratan D' Ambrosio**. Educação Matemática em Revista, número 7, ano 6.
- LORENZONI, Claudia A. C. de Araujo. SILVA, Circe Mary Silva da. **Geometria em Práticas e Artefatos das etnias Tupinikim e Guarani do Espírito Santo**. Anais do Encontro Brasileiro de Estudos de Pós-Graduação em Educação Matemática da Unesp-2008.
- CARVALHO, Ricardo Artur Pereira de. **Grafismo Indígena: Compreendendo a representação abstrata na pintura corporal Asurini**. PUC-Rio Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-2003.
- OLIVEIRA, Livia do Nascimento. GOIS, Doracy Montenegro. SANTOS, Júlio César Pereira dos. **A Construção de Imagens a Cerca dos Negros e Indígenas Através do Livro Didático: História, Sociedade e Cidadania de Boulos Junior**. III Congresso Nacional de Educação-CONEDU 2016